Assignaturas

São pagas adiantadas: com estampilha 1$500 reis por semestre; sem estampilha 200 reis por mez. Numero avulso 10 réis.

A Locomotiva

PERIODICO DOS CAMINHOS DE FERRO

Publicações

Annuncios e communicados a 50 réis por linha em qualquer das paginas, e pagos adiantados. Os originaes não se restituem.

PUBLICA-SE ÁS TERÇAS-FEIRAS, QUINTAS-FEIRAS E SABBADOS

Proprietario e director — Carlos Faria

Anno 1.º | **Aveiro, Quinta-Feira 12 de Julho de 1883** | **Numero 26**

CORRESPONDENTES LITTERARIOS

EM LISBOA Gervasio Lobato, PORTO Luiz de Magalhães COIMBRA Alexandre da Conceição

CORRESPONDENTE EM MADRID—**Peris Mencheta**

COLLABORADORES

Albano Coutinho, Albano de Mello, Alfredo Vieira, Alves da Veiga, Antonio Candido Ribeiro da Costa, Antonio Feijó, A. F. d'Araujo eSilva, A. Fuschini, Augusto Luso, Augusto de Mello, Augusto Rocha, Camillo Castello Branco, Carlos Lobo d'Avilla, Carlos de Moura Cabral, Conde de Sabugosa, Conde de Samodães, Eça de Queiroz, Fernando Caldeira, Francisco Palha, Francisco Regalla, Gastão Mesnier, Guiomar Torresão, Henriqueta Elisia da Fonseca, J. de Magalhães Lima, Jayme Séguier, Jayme Victor, J. Honorato Regalla, Joaquim d'Araujo, Joaquim de Vasconcellos, José Echegaray J. Simões Dias, Julio Augusto Henriques, Julio Cesar Machado, Luiz Guimarães, Lourenço d'Almeida e Medeiros, Luciano Cordeiro, Macedo Papança, Manuel Berdardes Branco, M. Rodrigues Vieira, Maria Letizia de Rute (Princeza Ratazzi.), Marques Gomes, Mello Freitas, Mendes Leal, Monteiro Ramalho, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, R. A. Pequito, Rodrigues de Freitas, S. de Magalhães Lima, Soares Franco (dr.), Teixeira de Queiroz, Theophilo Braga, Thomaz Ribeiro, Visconde de Benalcanfôr, Visconde d'Ouguella.

Summario

Correspondencia de Coimbra por Alexandre da Conceição.

Uma elegia por visconde de Benalcanfôr.

Sobre um tumulo poesia por Henriqueta Eliza.

As hesitações da actualidade por?

A uma cantora, poesia por Joaquim d'Araujo.

A' lerta! por Albano Coutinho.

Em Coimbra por Expresso.

No meio da infelicidade sempre apparece um lenitivo por José Pedro Fernandes.

Comboyo Mixto por Carvão.

Folhetim por Guilherme de Azevedo.

CORRESPONDENCIA DE COIMBRA

Ha uns dez ou onze dias um estudante, indo á *gare* do caminho de ferro em Coimbra, travou-se de rasões com alguns empregados da companhia; e das rasões chegou a vias de facto. O estudante foi immediatamente preso e processado, foi ou vae ser pronunciado sem fiança e custa-lhe por isso a brincadeira alguns meses de prisão, com as respectivas custas e o restante apparelho ruinoso do paternal Anno do Nascimento.

Achamos muito bem que o poder judicial recompense com um severo correctivo estas velleidades desordeiras dos frequentadores das *gares*, fazendo sentir aos rixosos que as costas dos empregados da companhia não são bombo de festa em que todo e qualquer sugeito possa rufar á sua vontade; mas achariamos igualmente bem que o sobredicto poder judicial tivesse a mesma severidade para com os insultos e violencias que aquelles empregados praticam quotidianamente com os passageiros, que elles consideram para todos os effeitos como subditos de paiz conquistado, explorando-os por todas as formas e aggravando-os por todos os modos. Sim, eu quero que a companhia ache sempre nas justiças d'este paiz remedio e correctivo para as violencias de que possa ser victima por parte do publico que lhe frequenta as suas linhas, mas quero pela mesma forma que o publico encontre tambem auxilio e protecção nas mencionadas justiças contra os roubos, as extorsões e as violencias que a companhia lhe faz a cada momento, extorsões e violencias que constituem a norma do seu procedimento de todos os dias e de todas as horas para com o publico, e pelas quaes ella não responde nem me consta que jamais tenha respondido. Parece-me excepcionalmente desigual e irritante esta situação da companhia perante o publico portuguez, que lhe alimenta os ocios e a usura, e afigura-se me que se as justiças d'estes reinos fossem tão severas com os vexames da companhia para com o publico como o são com os do publico para com a companhia, ellas praticariam um acto de equidade, que não ficaria mal á belleza theologica das suas togas aristotelicas.

Um d'estes dias, por exemplo, no dia 6 d'este mez, se me não engano, deu-se na estação do caminho de ferro em Coimbra um facto revoltante, que indignou toda a gente que o presenciou, apesar de ser de uma frequencia massadora. O expresso de Madrid trazia apenas duas carroagens de segunda classe, que vinham cheias de passageiros hespanhoes, entre os quaes uma porção de senhoras e crianças.

Na estação de Coimbra um empregado da linha abriu a portinhola de uma d'essas carruagens e mandou entrar para ella uma porção de passageiros que não tinham lugar nos outros carros. Os passageiros que estavam na carruagem reclamaram contra a violencia, pois que o carro ia completo e não podia por isso accommodar lá mais gente.

O empregado da linha sorriu-se com superioridade olympica das reclamações dos hespanhoes, mandou entrar para a carruagem os passageiros adventicios, que lá se accomodaram como poderam berrando patrioticamente contra os perros castelhanos, fechou a portinhola com estrondo insolente e disse depois para os hespanhoes indignados, com um sorriso tyranno de triumphador que saboreia uma victoria facil:

—Queixem-se ao fiscal do governo.

E o comboio partiu.

Era o escarneo depois da tyrania: queixar-se ao fiscal do governo corresponde para um passageiro da linha do norte a fazer versos á lua.

Ainda mesmo que a gente, com paciencia, vagar e tempo, conseguisse queixar-se a todos os fiscaes do governo, numerando-os, classificando-os e catalogando-os, pois que são tantos e tão variados, que em algumas linhas, como na da Figueira, o numero dos fiscaes regula pelo decuplo do numero medio de passageiros diarios, não fazia com isso mais do que aggravar a sua triste situação. Os fiscaes do governo são muitos e muito boas pessoas, elles acolhem as reclamações dos passageiros com o mais doce e paternal dos seus sorrisos, lembram alvitres, ministram conselhos, tomam notas nas suas carteiras janotas com ares de ministros de estado conscios do seu valimento em vesperas de despachos de empregos, mas....

Folhetim

UMA ELEGIA

I

Bento Romão—ao tempo do nosso conto—era um gallego de trinta annos, alto, espigado; bem posto. Um meu visinho litterato, forte em reminiscencias mythologicas, chamava-lhe a «Apollo de barril.»

Viera para Lisboa, de uma aldeia dos contornos de Pontevedra, com a frescura dos deseseis annos abertos em botão. No rosado das faces e no macio veludoso da cutis havia um não sei que da polpa da camelia e do frouxel do pecego. Os olhos eram pretos, rasgados; quando se ria, mostrava uns dentes brancos e vidrados como de porcelana. Dois annos depois, aviva-lhe o recorte dos beiços vermelhos e humidos a pennugem de um buço tão fino como um sombreado vaporoso de lapis. Aos vinte annos a sua formosura ganhára tons viris. No seu olhar não brilhavam phosphorencias felinas. Illuminava-os uma luz branda, velada de ternura de enleios scismadores, vaga como um crepusculo.

Incumbira-se de lhe guiar os primeiros passos pela senda aspera do trabalho um primo, capataz da bomba no chafariz das Terras.

A nostalgia, a doença moral do china e do gallego, traspassava-o de dor intensa, inconsolavel.

A' noite, ao recolher á casa de malta, quente como um forno, abafada como uma estufa, apesar de moido da faina do dia, o pobre Bento, na escuridão, com os olhos rasos de agua, via a imagem da mãe, viuva, pobre e doente, por causa de quem viera para Lisboa a fim de ganhar o pão para ella e para si. Em seguida desfilavam-lhe por diante dos olhos inchados de chorar os rapazes seus companheiros de escola e de folguedos. Appareciam-lhe as arvores da aldeia, a que trepava em busca dos ninhos, e as balsas da ribeira, onde os rapazes, no verão, se despiam, para se atirarem ao pégo a nadar. E o sr. cura, que lhe perguntava, se costumava rogar pragas, se fallava muito no «porco sujo» tambem lhe apparecia com o seu rosto prasenteiro, tratando-o com muito bons modos, quando o encontrava na rua, dando-lhe a mão a beijar.

Todos estes e outros quádros singelos da sua vida de rapaz de aldeia lhe repassavam pela memoria e pelo coração, alternando-se, succedendo-se como vistos através de um kaleidoscopio.

II

De manhã, mal repontava o dia, o moço Bento Romão levantava-se e ia mourejar nos recados e nos carretos, forte e docil como o boi ao jugo. O trabalho era-lhe calmante e narcotico durante algumas horas. A' noite, porem, remittida a febre da lida afanosa do dia, a lembrança da mãe querida, as recordações da sua aldeia retalhavam-lhe o coração.

Assim lhe foram correndo os primeiros annos da sua vida em Lisboa—vida entrecortada de trabalho e de saudades.

Bento Romão chumbára heroicamente ao artelho a corrente de ferro dos trabalhadores infatigaveis. Bem depressa tomou um posto de vanguarda n'essa legião de lidadores braçaes que em acervos de trabalho quotidianamente prestado levantam pyramides a disputarem a altura ás dos Pharaoes.

Bento foi um dos heroes d'essa epopea muscular de carretos desmarcados, de pesos fabulosos, que dá ao gallego proporções cyclopeas, tornando-o pelo desenvolvimento da força phisica um Titan de pau e corda.

Com a perseverança no trabalho, sobrio morigerado, Bento Romão não tardou a colher os fructos da sua actividade.

Graças ao lidar, sustentava-se a si e á mãe, a quem enviava uma parca mesada que a preserverava das humilhações da esmola; e

quartel em Abrantes, tudo como d'antes: o governo faz tanto caso d'elles, como a companhia faz caso do governo e do publico. Elles estão ahi, os senhores fiscaes, para *fiscalisarem*...os seus ordenados, e já não é pouco. O publico que se arrange como puder, porque é o mesmo que faz o governo, a companhia e os senhores fiscaes. E' o regimen dos arranjos, e está o negocio concluido. A quem lhe doer a cabeça, que a aperte, e Deus é pae de todos e a companhia senhora d'estes reinos e seus dominios.

De modo que de vez em quando o publico zanga-se com esta pouca vergonha, perde a paciencia e vae ás costas á companhia. Chega então d'alli o governo e os fiscaes e a policia e a tropa e os delegados e os escrivães e os advogados e os officiaes de diligencias e os juizes, caem sobre o publico como uma nuvem de gafanhotos sobre uma seara madura e não lhe deixam uma pinga de sangue, nem uma de X para fazer cantar um cego.

Ha sò um unico processo para sahir de isto: é os passageiros das linhas do Norte e Leste organisaram-se em sociedade maçonica, obrigando-se por juramento solemne e terrivel a viajar sòmente em diligencia, em liteira, a cavallo ou mesmo a pé, e matarem a companhia á fome. Resultam d'ahi immediatamente todas as conveniencias para os passageiros: viajam mais depressa, mais commodamente e com menor risco, e atacam a companhia no unico ponto onde se lhe tem manifestado sensibilidade, que é o bolso.

Pensem n'isto.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

SOBRE UM TUMULO

Nunca o seu coração achei cerrado,
A's afflicções do meu;
Se meu pranto corria amargurado
Tambem corria o seu!

Se meus labios sorriam, dôce riso
Abria os seus tambem!
Imagem de meu ser, no paraiso
Inda te vejo oh! mãe!

Tão cedo me deixaste e não previste,
Que este viver sem ti
E' viver sem alma? O corpo existe?
Ai! não, vegéta aqui!!

Ella era a luz de meus olhos,
Fino espelho em que eu me via,
E aquella doce alegria
Com que se fita entre escólhos
Após da tormenta o sol,
Deixou-me e eu sou como a barca
Que o rumo perdeu ao largo;
Meu olhar sómente abarca,
O infinito oceano amargo
Onde não brilha um pharol!

Dezembro de 1882.

HENRIQUETA ELIZA.

AS HESITAÇÕES DA ACTUALIDADE

A evolução, cujo ultimo periodo está a terminar, começou pela revolução politica. Affirmou o seu apparecimento em 1789.

A evolução futura ha de fatalmente assignalar-se pela transformação social.

As revoluções politicas, ainda as mais democraticas, quando teem por ideal a liberdade, não podem nunca terminar a sua missão. A liberdade é um meio—não é um fim.

Aproveita aos organismos perfeitos, por que esses estão immediatamente na posse de todos os seus direitos, e podem, na concorrencia vital, na lucta pela vida, satisfazer todas as suas necessidades.

E' esta a consequencia rigorosa da selecção natural. Mas os organismos inferiores, os seres imperfeitos em relação a esse novo meio, e que não se acham com vigor, para se adoptarem a uma violenta transformação—esses ou são eliminados ou definham e se atrophiam.

A revolução de 1789 foi feita pelo povo francez. A classe média, rica, poderosa, illustrada, energica e previdente encontrou-se no seu meio, e alcançou, sem grandes esforços, as eminencias do poder, que hoje possue.

A plebe, o proletariado, a massa popular—essa, como a liberdade n'umas determinadas condições lhe era inutil, por isso que de nada serve um direito quando se não concebe a necessidade de usar d'elle—essa, dizemos, affastou-se immediatamente da classe média, por que estava estabelecido o antagonismo desde que não havia egualdade de interesses, nem communhão de sentimentos.

Determinada a separação, veio a lucta A classe média transformou-se em partido conservador. Era natural. Todos os principios que triumpham, tendem a repellir, com energia, quaesquer innovações. O progresso de hoje é o inimigo mais irreconciliavel do progresso de ámanhã. Demais, á classe média, levantada ás alturas de uma aristocracia opulenta, ciosa das atmospheras que se respiram nas regiões do poder, não lhe desagradou que o feudalismo, instituido nas terras solarengas, se transformasse no feudalismo, que dá aos poderosos e aos ricos os feudos e as vassallagens do oiro. Finalmente a classe média substituira o clero e a nobreza, e esperava ingenuamente que o mundo ficasse tranquillo.

Mas o proletariado não concordou com este optimismo, não se intimidou em presença d'este novo poder. Mudou os seus arraiaes para outro campo, e começou a recrutar-se em todos os grupos onde havia intelligencias e actividades aproveitaveis e energicas. A facilidades das communicações, a rapidez dos transportes e a publicidade actual de todos os interesses geraes originou esta solidariedade de crenças e de esforços, que deve dar fatalmente, no seculo futuro, uma manifestação imponente, e uma profunda transformação social.

As sciencias, a litteratura, a arte e as proprias industrias estão auxiliando ora consciente, ora inconscientemente a evolução que se prepara, e o opportunismo, que conta actualmente tantos adeptos, quantos são os homens de bom senso, os pensadores, que não teimam em se opporem ás leis sociologicas, é mais uma força poderosissima, que á ultima hora ha de arrancar o véo que ainda occulta as mais valiosas phalanges da democracia.

Os democratas do dia seguinte não são só os timidos, os cautos e os medrosos—são tambem os democratas da opportunidade, são os democratos da occasião. E d'estes é grande o numero. E tanto maior quanto arrastam sempre comsigo os timidos, os mediocres, os obscuros, e todos aquelles que não teem iniciativa propria, e que se regulam pelas resoluções das maiorias.

Nos paizes onde não ha a verdadeira educação politica, onde a população parece indifferente aos actos da administração publica, é ahi onde correm maior risco os governos e as instituições, por que patria, systema politico, liberdade, e desenvolvimento intellectual e material está tudo dependente d'uma aventura, e por vezes d'uma embuscada politica ou d'uma conspiração. Algumas nações do Oriente são deploraveis modelos d'estas tristissimas verdades. Governar um paiz pela corrupção, e não o educar para as luctas da sua vida autonomica, no periodo que vamos atravessando, é um crime tão execravel como vender a patria ao estrangeiro.

Na vida social como na vida physica, parar é morrer. As sociedades que adormecem sobre os seus loiros, e que só sabem narrar os feitos dos seus maiores, entraram irremediavelmente n'um periodo de decadencia e de entorpecimento moral. E' a melancholica historia das velhas raças aristocraticas, que vão desapparecendo, sepultadas nas ruinas de seus castellos e das suas honras.

A missão dos povos, na actualidade, é terem consciencia de que são os elementos de uma magestosa evolução social, é educarem-se para um futuro cada vez mais mysterioso, e que por isso mesmo exige o desenvolvimento de todas as suas faculdades; e se invocam os nomes dos seus grandes homens é para retemperarem as forças e rasgarem mais fundo o sulco luminoso por onde elles perpassaram.

E' para isso que se crearam as festas dos centenarios, e é com esse fim que se commemoram os nomes illustres.

Invocar Camões—o grande espirito que mais amou a patria—e deixar tres pretos defender a bandeira portugueza nas regiões d'Africa, fazer a apotheose do Marquez de Pombal e permittir que Roma escarneça a politica do grande ministro não é só ridiculo e irrisorio—é o symptoma claro de que perdemos a noção da dignidade e a concepção do decoro.

A UMA CANTORA

No meio do clamôr dos bravos e das palmas,
Que o teu vulto vibrante a todos nós arranca,
Fazendo-nos encher de viva luz as almas,
Como o sol faz abrir uma camélia branca,
—Cavalleiro da ala eterna dos poetas,
Applaudo enthusiasmado essa gentil aurora,
E lanço este *bouquet* de rosas e violetas
Ao proscenio onde brilha a esplendida cantora.

Porto, junho, 83.

JOAQUIM DE ARAUJO.

A' LERTA!

Chegou. Havia quem dissesse que nunca nos visitaria. Afinal, talvez por sympathia, sempre veio. Na verdade era um capricho tolo fazer-se esperar. Ha de ter muito por onde se gastar, bom será que não ande muito depressa. Póde cançar-se. Os tempos não estão para fadigas.

Quem tal diria? Ainda hontem havia muito bôa gente que duvidava da sua existencia. Que injuria, que desconsideração!. Vive e tem muitos admiradores. Mas tem egualmente muitos inimigos que lhe querem dar cabo da pelle. Coitados!.. não sabem com quem estão mettidos... Traz muito bôa companhia: tres practicos para lhe mostrarem o caminho e um director para encaminhar os praticos... Se não se desencaminharem todos, projectam fazer grandes descobertas. O' agouro!...

Diz-se que muita gente junta não se salva, mas ella apresenta-se com o seu estado maior para dar mais apparatoso realce ás suas façanhas. Demorar-se-ha? Não se sabe ao certo as disposições em que vem. As grandes mallas vinham em pequena velocidade e o desastre da ponte de Canellas fez-lhe um desarranjo enorme. Emfim, é natural que se demore, porque o estio convida-a aos gosos bucolicos do campo, a ella que vem a fugir da poeira dos grandes centros...

De mais, ouviu dizer que na aldeia se respirava bom ar e eil-a a espraiar por ahi a sua graciosa molesa!

Que seja feliz e que a Bairrada se compenetre por uma vez do caso:

— Tem em casa a phylloxera.

A COUTINHO.

EM COIMBRA

Serve-se um magnifico chá preto de primeira qualidade, n'um baile explendido.

—Que será isto?—Pergunta desconfiado o dr. Assis.—Parece-me café.

—Não. E' chocolate, você não vê, responde o dr. Laranjo!

E ambos tomam a sua chavena, como entendedores!

* * *

— Apresento a v. ex.ª o sr. dr. Assis Teixeira, lente da Universidade...

— Estimo muito conhecel-o, responde a senhora, acceitando-o para par n'uma quadrilha.

— Mas v. ex.ª decerto já me conhecia de nome; pela minha *collecção do Real da Agua*...

— Não. Conheço-o das questões academicas.

EXPRESSO.

NO MEIO DA INFELICIDADE SEMPRE APPARECE UM LENITIVO

Morreu na Figueira o Capataz Geral de via e obras no caminho de ferro da Beira Alta, José Escudero, deixando reduzida á miseria uma numerosa familia composta de mulher e 10 filhos!!..

Este individuo que por todos os principios devia fazer por conservar a vida para amparo de sua numerosa familia, esqueceu-se dos seus mais sagrados deveres e poz termo á existencia dando um tiro na cabeça!

E' escusado dizer as tristes circumstancias em que ficou aquella infeliz familia, porque como é sabido, o ordenado da maior parte dos empregados é comido adiantado e por essa rasão aquella triste familia, no dia immediato áquelle em que falleceu o seu chefe tinha que perecer de fome, ou de mendigar de porta em porta o pão quotidiano. Foi pois n'esta triste conjunctura que o Inspector da Exploração o exm.º sr. Julio Salazar d'Eça, inspirado pela Providencia e impellido pelos seus nobres sentimentos se lembrou de promover, em favor d'aquelles desgraçados, uma subscripção, por entre todos os seus empre-

---

volvidos alguns annos achava-se possuidor de sobras chrystalisadas em fibras no fundo da arca não incluindo remessas valiosas para a terra invertidas em courellas. Esta abastança modesta fora comprada pelo mocinho a poder de dez annos de luta.

Das alturas luminosas da plena virilidade Bento Romão encarava confiado o seu futuro

Nada avarento, porque Bento Romão tinha a impressionabilidade dos artistas, era-lhe ainda assim agradavel contar os seus castellos de libras, como um general se compraz em ennumerar os seus soldados. O peculio tão laboriosamente enthesourado, vibrava-lhe lampejos de oiro, lá do fundo escuro do bahu zebrando-lh'o de estrias, illuminando-o de fulgores similhantes a coriscos serpentando em céo negro.

III

Bento Romão, como dissemos, era impressionavel artista, sensivel ás recordações affectuosas do lar, ás visões da sua infancia.

Enlevavam-n'o as perfeições da plastica feminina, as melodias musicaes, as pompas e as harmonias da côr.

Alto, bem proporcionado, forte sem a minima obesidade no seu porte desempenado ressumbrava o vigor dos athletas.

A accentuada expressão de pujança muscular era n'elle temperada por um olhar meigo, scismador, em que se espelhavam o enleio e o extasis.

Por noites de luar àprazia-lhe ensaiar uma toadas rusticas dos montes de Pontevedra, n'uma flauta primitiva de cana, como as dos pastores de Virgilio. O seu admiravel ouvido acudia-lhe com uma afinação instinctiva, surprehendente, que o animava a intrepidas excursões pelos dominios da harmonia, folgando de ouvir as que extrahia da flauta, como Platão estremecia de voluptuosidade ideal ouvindo a musica das espheras.

A' porta da casa de malta, n'um poial á esquina da rua das Praças, com os olhos fixos nos lumes azulados das estrellas, saturando-se dos effluvios do luar, Bento Romão ora procurava na flauta a singeleza dos descantes campestres, das canções pastoris, ora o *brio* patriatico do hymno de Riego—impetuoso como um rasgo de tribuno— passando por brusca transição da ingenuidade doce dos idylios de Theocrito para os canticos frementes de Tyrteu.

O *fado*, que elle tocava ao »modo lydio«, sob os seus dedos ligeiros desfallecia em languores ennervantes e debatia-se em hysterismos sensuaes.

Como elle no ingrato instrumento,—n'aquelle quasi informe embryão da flauta de ebano marchetada de madre-perola com chaves de prata encamurcadas—vibrava o rythmo das *habaneras*, em que se atropellavam caricias provocantes e indolencias morbidas, pesadas de voluptuosidade! N'aquella toada umas vezes rapida outras lenta, ha não sei que ardores dos tropicos, que têem por leito, já os baloiços aereos das redes, já os recessos espessos e verdejantes das florestas ennoitadas de sombra.

IV

Na botanica do amor ainda até hoje não foi senão vagamente delimitada a zona em que viceja a ternura—essa flôr sentimental, que na alma das creaturas distilla aromas perturbantes.

Porque não ha de pellular de amor o coração do gallego, do mesmo modo que a rosa de abril desabrocha aos ardores do sol?

Quantas vezes sob o peso desmarcado dos kilogrammas que transporta, debaixo das montanhas de fretes que o gallego—Athlan-moderno—sustom inabalavel sobre os hombros, quantas vezes elle, minado da paixão, não se sentirá vacillar sob esso outro peso interior, que abate colossos!

(*Continua*).

V. DE BENALCANFOR.

gados do movimento, e mesmo pelos da fiscalisação do governo e habitantes da Figueira. Não sabemos por emquanto a importancia da subscripção; mas attendendo á bôa vontade do seu promotor, ás immensas relações de s. ex.ª, ao respeito que todos os seus empregados lhe consagram e finalmente ao fim a que ella é destinada, estamos bem convencidos de que a sua importancia não será inferior a 150$000 réis ou approximadamente a réis 200$000.

Actos d'esta ordem estão acima de todo o louvor. O sr. Salazar já não é esta a primeira vez que põe em movimento a sua actividade e nobreza d'alma em favor dos desvalidos, já quando na Estação da Guarda um empregado foi colhido por uma machina que lhe cortou ambas as pernas, s. ex.ª se poz em campo em favor d'aquelle infeliz, promovendo-lhe uma subscripção, que segundo nos consta, attingiu a uma quantia soffrivel.

A bolsa de s. ex.ª está sempre aberta para soccorrer os desgraçados e os seus braços sempre promptos para trabalhar em favor da indigencia.

Honra pois a tão nobre cavalheiro que assim sabe respeitar e pôr em pratica os preceitos da religião e da humanidade.

Nós vacilámos um pouco, sobre se deviamos ou não publicar estas linhas, receando com isso offender o melindre de s. ex.ª; mas não querendo que uma acção d'esta ordem ficasse sepultada no esquecimento, tomámos a deliberação de pedir a v. ex.ª a bondade de lhe dar publicidade no seu muito acreditado jornal—*A Locomotiva*—pedindo ao mesmo tempo desculpa a s. ex.ª por assim procedermos.

Villa Fernando 9 de julho de 1883.

O Chefe da Estação

José Pedro Fernandes.

Comboyo Mixto

O ministro do commercio, da França propoz, n'uma reunião para se tratar dos modos de celebrar o centenario da revolução franceza—, que se fizesse em 1889 uma Exposição Universal, em Paris.

Esta proposta foi calorosamente approvada.

Por accordam do Tribunal de Contas, de 26 de junho, a Camara Municipal de Lisboa foi multada por não ter apresentado as contas do anno economico 1878-1879; e intimada a prestal-as immediatamente. Depois d'isso a mesma Camara foi intimada a apresentar sem demora as contas do anno de 1881-1882.

Pobre Camara! Deixe-a, sr. Tribunal de Contas, não seja cruel, não affronte essa dama!

Alfredo Julio de Brito, demittido do seu emprego na Escola Froebel de Lisboa, publica no *Diario Popular* a seguinte amabilidade:

«E já agora, a esses 200$000 reis que me tem esquecido de ir receber á camara, correspondentes a 8 mezes de gratificação, vou dar um destino particular, vou depositalos no Banco do Povo, para poder com elles soccorrer o sr. Theophilo Ferreira quando elle deixar de ser vereador.»

O citado sr. Theophilo Ferreira não póde negar que ainda ha almas bemfazejas,

Vae encetar-se em Vizeu sob a direcção de Joaquim Augusto de Oliveira Mascarenhas uma publicação de grande tomo, e que fornecerá preciosos elementos para os estudos historicos.

E' um *Diccionario chorographico, historico, biographico, archeologico, munismatico, estatistico e heraldico*, de Portugal.

No nosso paiz tão rico em documentos e em documentos, e tão pobre em decifrações e em estudos historicos, vem essa publicação offerecer um poderoso subsidio para os trabalhadores das reconstrucções das civilisações antigas, para Camillo Castello Branco, para Oliveira Martins, para Consigheri Pedroso, para Theophilo Braga, para o aveirense Marques Gomes, e para o outro que nos esquece.

Na collaboração d'este estimabilissimo Diccionario apparecem os nomes de José S. Dias, Francisco Cardoso Borges, Maximiano Pereira da Fonseca Aragão, Salomão do Amaral, e José Simões Martins: alguns dos quaes por conhecidos asseguram a importancia da obra que será illustrada pelo erudito artista José do Amaral B. de Fôro.

O preço do Diccionario não escandalisa por certo os leitores, em geral timoratas e sovinas. A publicação faz-se semanalmente por caderneta de 32 paginas, que custam 70 reis.

Por tal preço não ha desculpa de ser ignorante.

Diz o *Diario da Manhã*, o periodico de Lisboa, que pelo brilho da sua collaboração, mais se parece com o parisiense *Figaro*:

— Brevemente partem: para Paris, para o seu *rez-de-chaussée*, n.º 130, dos Campos Elysios, o sr. Jeronimo Condeixa, e para Londres o sr. Abreu Oliveira, addido á nossa legação. Estes dois cavalheiros combinaram com o sr. Antonio Caldeira, um dos nossos mais illustres *sportmen* jogar uma partida de dominó entre os tres, começando Antonio Caldeira a jogal-a no Gremio da Rua de S. Francisco em Lisboa, e elles em Londres e Paris. O movimento das pedras será annunciado aos jogadores por meio de bilhetes postaes, porque não ha pressa alguma em terminar o jogo. Deve ser curioso quando Caldeira receber um bilhete postal de Londres, assignado por Abreu Oliveira, dizendo: metti o *doble sena* e um de Paris assignado por Condeixa dizendo—*passo!*

Uma grande Commissão de estudantes partiu da Hungria para assistir ás proximas festas de Paris no dia 14.

Querendo manifestar a sua paixão pela França e accentuar os seus designos politicos, resolveram evitar a passagem pela Allemanha, e assim entram pela fronteira italiana na grande republica Europeia.

M.me Edmond About e Mr. de Lesseps organisaram uma Commissão para fazer as honras da França aos expressivos estudantes hungaros. Para este fim abriram uma subscripção de 50 francos por individuo entre os jornalistas, escriptores publicos e artistas.

Na *Comedie Française*, a desejo dos viajantes, representar-se-ha o drama de Victor Hugo, *Le rói s'amuse*. Na *Grand Opera*, haverá em sua honra um espectaculo com a *Aida* ou a *Africana* e um baillado.

Felizes estudantes! E felicissima republica franceza que sabe ser não menos simpathica do que hospitaleira.

CARVÃO.

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

Horario dos comboyos desde 10 de junho de 1883

Lisboa e Porto para Madrid e vice-versa. Comboyos expressos.

Partida de Lisboa ás 6 horas e 45 minutos da tarde; chegada ao Entroncamento ás 9 horas e 3 minutos da noite.

Partida do Porto ás 2 h. e 30 m. da t.; chegada ao Entroncamento ás 9 h. e 2 m. da n.

Partida do Entroncamento ás 9 h. e 23 m. da t.; chegada a Valencia d'Alcantara á 1 h. e 50 m. da m., a Madrid ás 3 h. e 39 minutos da tarde seguinte.

Partida de Madrid ás 11 h. da m.

Partida de Valencia d'Alcantara ás 11 h. e 25 m. da n.; chegada ao Entroncamento ás 3 h. e 40 m. da m.

Partida do Entroncamento ás 4 h. da m.; chegada a Lisboa ás 6 h. e 30 m. da m.

Partida do Entroncamento ás 4 h. da m.; chegada ao Porto ás 10 h. e 40 m. da m.

Lisboa ao Porto e Badajoz e vice-versa:

Partida de Lisboa (mixto n.º 1) ás 8 h. da m., e (correio n.º 7). 6 h e 45 m. da t.

Chegada ao Porto (mixto n.º 1) ás 9 h. e 35 m. da n., e (correio n.º 7) 6 h. da m.

Chegada a Badajoz (mixto n.º 41) ás 11 h. da n., e (correio n.º 47) 7 h. e 40 m da m.

Partida do Porto (mixto n.º 2) ás 6 h. 3 e0 m. da m., e (correio n.º 8) 7 h. da t.

Partida de Badajoz (mixto n.º 42) ás 5 h. e 15 m. da m., e (correio n.º 48) 5 h. da t.

Chegada a Lisboa (mixto n.º 2) ás 8 h. e 48 m. da n., e (correio n.º 8) 6 h. e 30 m. da m.

Lisboa a Santarem e Entroncamento e vice-versa;

Partida de Lisboa (mixto n.º 5) 4 h. e 30 m. da t., e (mixto n.º 11) 8 h. e 15 m. da n.

Chegada a Santarem (mixto n.º 11) 12 h. e 7 m. da n.

Chegada ao Entroncamento (mixto n.º 5) 8 h. e 43 m. da n.

Partida do Entroncamento (mixto n.º 6) 4 h. e 15 m. da m.

Partida de Santarem (mixto n.º 12) 10 h. e 36 m. da m.

Chegada a Lisboa (mixto n.º 6) 9 h. da m., e (mixto n.º 12) 2 h. e 30 m. da t.

Entroncamento e Aveiro ao Porto e vice-versa:

Partida do Entroncamento (expresso n.º) 9 4 h. da m.

Partida d'Aveiro (mixto n.º 35) 5 h. e 45 m. da m.

Chegada ao Porto (expresso n.º 9) 10 h. e 40 m. da m., e (mixto n.º 35) 8 h. e 45 m. da m.

Partida do Porto (expresso n.º 10) 2 h. e 30 m. da t., e (mixto n.º 36) 4 h. da t.

Chegada a Aveiro (mixta n.º 36) 6 h. e 51 m. da t.

Chegada ao Entroncomento (expresso n.º 10) 9 h. e 2 m. da n.

Observações

Os passageiros de 3.ª classe de todas as estações de Lisboa até Torres Novas e os das 1.ª e 2.ª classes das do mesmo grupo onde não tem paragem o comboio n.º 7, 47 e 61 para as estações além do Entroncamento, seguem até esta estação no comboio n.º 5, e tomam alli aquelle comboio para as estações de norte, leste, ramal, Beira, Minho, Douro, ou linha hespanhola a que se destinem.

O mesmo succede aos passageiros do comboio n.º 62, 48 e 8, em sentido inverso, os quaes tomarão no Entroncamento o comboio n.º 6.

Os passageiros de norte para leste seguem no comboio expresso n.º 10, tomando no Entroncamento o expresso n.º 61, e os de leste para norte seguirão ao Entroncamento no expresso n.º 62 para tomarem alli o expresso n.º 9 para o norte.

O comboio n.º 36 só andará aos sabbados e vesperas de dias sanctificados, e o n.º 35 nas segundas-feiras e dias seguintes aos sanctificados, e ambos todos os dias durante os mezes de julho a outubro inclusivé.

FOLHETIM

AOS VETERANOS DA LIBERDADE

Meus guerreiros leaes: a nobre musa antiga
Que outr'ora vos canton, prostrada de fadiga
Desmaia hoje ao fulgor das candidas manhãs:
E não podendo já sagrar-vos uma trova,
Consente resignada á simples musa nova,
Que uma pobre camelia atire ás vossas cans!

Pois bem, meus bons heroes: vou dar-vos o meu braço
E conduzir-vos-hei, depois, a passo e passo,
A' presença d'um solio altivo mas seguro.
Com a nobre firmeza, o porte de soldado
Que herdastes do passado,
Apresentar-vos-hei, meus bravos, ao futuro!

Elle é tambem guerreiro e não se passa um dia
Sem que faça luzir ao sol da utopia
O seu estilete d'aço, a espada justiceira
Que é do mesmo metal e tem a mesma historia,
Que o ferro vingador que o anjo da victoria
Out'rora vos lançou ás fragas da Terceira!

Mas hoje o que elle faz, no que medita e pensa,
E' n'outra maravilha extraordinaria, immensa,
N'uma nova invenção, n'outro milagre novo.
Quer vêr se carregando, apenas, os obuzes
De ideias e de luzes
Se metralha melhor o coração do povo!

E é bem possivel isto! As ballas sibilantes
Da vossa grande lucta heroica de gigantes
Chegaram até nós silvando pelo ar,
E já podémos vêl-as
Cravarem-se depois, tambem, feitas em estrellas
Na alma popular!

Nós todos afinal sonhamos um resgate!
Ao velho luctador e á musa do combate
A mesma eterna aurora os doura e os enfeitiça
Até que em certo dia ameno e côr de rosa
Nos encontramos sós na estrada luminosa
Em que vamos seguindo o astro da justiça!

Nós devemos saudar a historia triumphante:
A gloria que vae pobre, honrada, mendicante,
E que ao deixar a cruz depois da redempção
Caminha entre os felizes
Opulenta de fe, de cans, de cicatrizes
E pobre só de pão!

Devemos dar um bravo á santa heroicidade
Que acudindo sem medo á voz da liberdade
Caída, agonisante, exangue, semi-nua,
Levantou a gentil visão que ia de rastos
Cingindo-lhe na fronte um diadema d'astros
E pondo o algoz na rua!

Oh! não penseis que a musa altiva, audaciosa,
Dos novos ideaes, seja uma actriz nervosa
Que estude com reserva as faceis commoções,
E calculadamente um dia esta pessoa
N'um palco de Lisboa
As suas phrases lance aos pés das multidões!

Ao contrario ella iguala em seus desdens secretos
O heroismo que vem composto nos decretos
E a gloria que pagou direitos de mercê.
Despreza affectos vãos, artisticos ardores,
E comtudo, senhores,
Existe alguma cousa em que ella ainda crê!

Ella crê no valor honrado e satisfeito,
Na bondade da luz, na aurora do direito,
No heroismo das mães: e crê ainda mais
Que quando a infancia vae de casa para a escola
Não deve ir, como exemplo, atraz, pedindo esmola,
A gloria de seus paes!

Eu denuncio pois aos bons impulsos francos
Da crença valorosa, esses cabellos brancos
Que a polvora crestou na lucta em fogo acesa,
E peço que abram álas
Aos que ouviram sorrindo á musica das ballas
A sua *Marselheza!*

Ao fim da tarde, sei, deve a sua memoria
Encontrar no recesso olympico da historia
A grande sagração da candida verdade.
Mas cumpramos á risca a lei dos evangelhos
Dando em rosas aos velhos
O sangue que aos heroes pediu a Liberdade!
E quando no horisonte, além, elles risonhos
Como os gigantes bons dos legendarios sonhos
Se perderem na bruma ideal dos mundos novos,
Saudemos o valor, a fé, que soube um dia
O raio esmigalhar nas mãos da tyrannia
Acendendo outra luz nos corações dos povos

GUILHERME D'AZEVEDO.

Nota

Esta vigorosa poesia foi recitada por Emilia Adelaide n'um beneficio a favor do cofre da Associação dos Veteranos da Liberdade em 1876, no theatro de D. Maria II.

Patricio Ferreira, Junior e promotor da festa, esse a quem G. d'Azevedo chamava —o veterano da liberdade honorario—preparava uma grande ovação ao poeta, a *claque* estava a postos, e apenas se esperava por que Emilia Adelaide acabasse a recitação para se pedir... o auctor. Magalhães Lima e eu estavamos encarregados de vigiarmos G. de Azevedo, e de o não deixarmos escapar á apoteose.

Mas Emilia Adelaide não tinha memoriado a poesia, e aquelles versos de estrutura moderna sahia..—coxos, torcidos, com todos os aleijões da voz plangente, de viuva, da celebre actriz.

Magalhães Lima, ao presssntir o desastre, sumiu-se lubricamente.

Eu estava embasbacado quando me sinto beliscado por G. d'Azevedo que me chamava para fóra do theatro, e me dizia:

—Vamos aqui ao Martinho chorar por mim e pela Emilia lagrimas de café e cognac.... para dentro.—

Effectivamente Emilia Adelaide já estava mercendo que G. d'Azevedo lhe aplicasse o que disse da sua homonyma das Neves.

—Concordo em que seja o *Sol* da scena portugueza. E' um sol mas ao qual ha muito tempo está fazendo falta um Josué para o mandar parar.

CARLOS FARIA.

AOS VIAJANTES

OS MELHORES ESTABELECIMENTOS

EM LISBOA

Alfaiate.— Alfredo Carlos Cruz, Fanqueiros 264.
J. A. Xafredo, Rua Nova do Almada 64.
J. M. Catarro, R. Aurea, 100.
Strauss, Garrett, 48.
Armadores e estofadores. Ursprung, A. Aurea 101.
Santos, R. Oriental do Passeio, 142.
Roubaud & Filhos, R. Aurea, 286.
Bahuleiros.—José de Carvalho, Capelistas, 15.
Banqueiros.
Fonseca, Santos & Vianna, Capelistas, 120.
Correeiros e selleiros, — Coutinho & C.ª Ouro 220.
Santos, Garrett 42.
Cutileiros, Policarpo, T. de S. Nicolau 25.
Virissimo da Silva, Loreto 22.
Moura Borges & C.ª, Capelistas, 35.
Banhos.—Terreiro do Trigo, 64.
Bazares.—A. Villas, Alecrim, 40.
C. Candido da Cunha—Alecrim, 53.
L. M. da Costa—Alecrim, 52.
Valles—Rua Oriental do Passeio, 156.
Bijouterias e quinquilherias — Antonio Joaquim Cardoso—Bitesga, 47.
Cabelleireiros—A. Paiva, rua Aurea, 28.
A. Pinto Rua Nova do Carmo, 55.
Baron—Garrett, 61.
François — Rua Nova Trindade 19 e rua Aurea 87.
Silva—R. Larga de S. Roque, 43.
Cafés—Aurea Peninsular, rua Aurea.
Commercial, Principe, 69.
Gibraltar, Caes do Sodré, 36.
Marrare—T. de Santa Justa 74.
Martinho—Largo de Camões 14.
Calçado—F. J. Salles—Prata—158.
João Carlos Tann, S. Lazaro 171.
Caminhos de ferro (agencias)
Salazar Junior, r. do Ouro 264.
Camisarias Brumós, T. de S. Nicolau 109.
Elegante—Largo do Calhariz, 24.
Calvente, Santa Marta 222.
Sallys Trenckel, Ouro 72.
Torres & C.ª—Alfandega 108.
Carruagens de aluguer—R. Larga de S. Roque 28.
Pedro Vasques—Largo da Abegoaria, 29.
Silvestre Botelho—Cruz de Pau, 39.
Carruagens (Fabricas de) — Encarnação — T. da Palha 72.
Gomes. R. Larga de S. Roque 116.
Navarro, R. N. da Palma, 246.
Rego, S. Francisco da Paula. 15.
Cazas de cambio.—Alves Martins, R. N. da Palma 138, e Arsenal 4.
Fonseca, Arsenal 58.
Manaças, Amparo 49.
M. Bogarim, Livramento 118.
Casas de pasto.—Lima, S. Antão 73.
Ribas & Garcia, F. da Palha 213,
Chapelarias.—para homens:
Roxo, P. de D. Pedro 39.
Nomdeden.—Princepe 121.
A. Ribeiro & C.ª Garrett 58.
Amado,—Ouro 39
Lisboa, Ouro 123.
Sette, Ouro 190.
Cirle & C.ª, R. N. do Almada 47.
M.me Laclan, R.N. do Carmo 18.
Banhado—Ouro 82
Pinto & Barreiros, R. N. do Almada, 108
Confeitarias, Conservarias e Pastelarias — Dias, T. de S. Nicolau 22.
Castelar & C.ª, Ouro 135.
Costa, Largo de S. Domingos 21.
Lisbonense, R. L. de S. Roque 133.
Viuva Justo, Garrett 108.
Mourão & Irmão, Garrett 25.
Nascimento & Migueis, Ouro 273.
Correeiros e selleiros,—Coutinho & C.ª Ouro 220.
Santos, Garrett 42.
Cutileiros, — Policarpo, T, de S, Nicolau 25.
Virissimo da Silva, Loreto 32.
Espingardeiros—Imberton Filho, Ouro 76.
Gravadores—Gerard, R. N. do Desterro 40.
Horticultores—A. Diogo, Algibebes 176.
Hoteis—Alliança, R. N. da Trindade 10.
Bragança—Ferregial de Cima.
Durand—L. Quintella 71.
Español—Prata, 250.
English & Italian, T. Remolares 23.
Luveiros.—Ch. Berard, R. N. do Carmo
Costa & Sousa, Garrett 67.
Hyppolite Delaye, R. N. do Carmo 51.
Ourives.—A. Merêa, Ouro 275.
Boni & C.ª, Ouro 203,
Perfumarias.—Praça de D. Pedro.
Ferreira Barbosa, R. N. da Alma 111.
Castelar & C.ª, Ouro 135.
Costa, Largo de S. Domingos 21.
Lisbonense, R. L. de S. Roque 133.
Viuva Justo, Garrett 108.
Mourão &Irmão, Garrett 25.
Nascimento & Migueis, Ouro 2 73.

NO PORTO

Agencia dos Caminhos de Ferro=A Central, rua de Sá da Bandeira.
Alfaiate=Filippe Lousada, rua de Santo Antonio:
Armazens de moveis. Corrêa & Martins Cedofeita,=17
Cypriano, rua de Cedofeita.
Silva & Irmãos, rua do Captivo.
Camisaria=Casa de Barcelona, rua de Cedofeita.
Casas de banho=A do Grande Hotel do Porto.
Casas de saude=A do dr. Ferreira, rua de S. Lazaro.
Carruagens de aluguer e deligencias: José Galliza.
Dentista=Romero & Recio R. de D; Pedro 20.
Restaurante=Palacio de Crystal
Sapateiro=Rosa, rua do Bomjardim.
Tabacaria=Caza Havaneza, rua de Santo Antonio, esquina da rua de Santa Catharina.
Photographia=União, Praça de Santa Thereza.
Luvaria=Portuense, rua de Santo Antonio 182-184.
Modistas=M.me Villete, rua de Cedofeita.
Oculista=Bolsom & Pombar Viriato (successor), Rua de Santo Antonio, 171.

Annuncios

José Galliza

A PEDIDO de alguns freguezes principia a sua carreira para as Caldas de Vizella e vice-versa, alternadamente, no dia 1.º de junho proximo; tambem se encarrega da conducção de bagagens para as ditas Caldas.

Tabella dos preços de trens de aluguer para as ditas Caldas a saber:

Landeau, ou char-á-bancs.....	10$000
Coupé, ou victoria.....	9$000
Carroça para conduções.....	10$000

Hora da partida de todos os pontos ás 4 horas da manhã.

N. B. — Tambem tem trens de aluguer nas Caldas para ir buscar às estações de Novellas e Trofa; todo qualquer freguez que queira alugar algum carro das ditas estações para as Caldas, tem que prevenir de vespera no escriptorio, na rua do Laranjal n.º 188—Porto.

Preço de levar ou trazer 4$500.

GRANDE RABAIS

Sahiu o Catalogo n.º 4, contendo:

Littérature, Géographie, Voyages, Philosophie, British authors, Histoire, Sciences, Technologie, Beaux-Arts, Agriculture, etc.

Dos livros que se vendem com *Grande abatimento* na livraria de ERNESTO CHARDRON, que envia o catalogo Gratis a quem o pedir.

Está no prelo o catalogo n.º 5. de diversos livros *Francezes, Portuguezes e Hespanhoes.*

GIMNASIO E SALA D'ARMAS

Largo da Picaria 13—Porto—rua do Pinheiro, 1.

Medico—Ex.mo Sr. Dr. Victorino da Motta.
Professora para o sexo femenino—D. Violante Stathmiller.
Professor e director—Paulo Lauret.

4:000$000

Precisam-se até ao fim do mez. Dão-se boas hypothecas ruraes. Carta à Redacção com as iniciaes F. S. S.

HOTEIS

PORTO — *Grande Hotel no Porto* é o principal d'esta grande e opulenta cidade. Construido expressamente para o seu fim, segundo os melhores modelos do mundo. O seu proprietario dedicou-lhe toda a attenção em argas viagens de estudo.

Appenso ao hotel ha sob a direcção de um medico expecialista um estabelecimento de banhos, como não tem segundo a Peninsula.

HOTEL ALLIANÇA

SUCCESSOR DO HOTEL INGLEZ DE MARY CASTRO

PORTO—RUA DO SÁ DA BANDEIRA, N.º 53

Este hotel situado no ponto mais central da cidade, proximo dos theatros e da estação Central dos Caminhos de ferro, com carro americano pela porta, tem excellentes commodos e magnifico serviço de mesa por preços excessivamente modicos.

BRAGA—BOM JESUS DO MONTE — *O Grande Hotel* offerece em aceio, meza, habitações, e commodidades o ideal dos hoteis para estações de verão na montanha. Em balde se lhe buscará um rival fóra de Lisboa e Porto.

SEVILHA—Hôtel de Europa. Elegante estabelecimiento y de modicos precios. Jardin al centro. Ventilado proprio al Oriental.

MESMA CASA

Fonda de Cadiz — CADIZ
« de Jerez — JEREZ
« de Rícca — HUELVA
« de Oriente — CORDOBA

PROPRIETARIOS — RICCA & HERMANOS

CAFÉ

PORTO—*Café Suisso,* na Praça de D. Pedro, é sem duvida o melhor estabelecimento do seu genero. Acaba de inaugurar uma rica sala nova, e elegantes e confortaveis gabinetes particulares. Recommenda-se aos viajantes pelo seu luxo, e pela abundancia e finura do serviço.

PHOTOGRAPHIA

PORTO=Fonseca & C.ª, praça de Santa Thereza, tem um *atelier* como os primeiros da Europa. Os seus artisticos trabalhos tem sido premiados nas mais notaveis Exposições.

CAIXA GERAL DE DEPOSITOS E CAIXA ECONOMICA PORTUGUEZA

DESCONTO de juros de inscripções complementares livres, a juro de 5 por cento ao anno, contados da data do desconto até á do pagamento na junta. Emprestimo sobre penhores de titulos de divida publica e obrigações da companhia géral do credito predial portuguez, a juro de 5 por cento ao anno.

Depositos na caixa economica em conta corrente á ordem, a juro de tres e sessenta centesimos por cento ao anno.

BOTE

Vende-se um magifico escaler couraçado, de 34 palmos de quilha, elegantemente construido de optimas madeiras, pregado a cobre; tem forquilhas e todas as ferragens de metal polido, e mais os pertences seguintes:

Oito remos, alguns dos quaes de **tojo e faia**; mastro de Riga; verga de pinho de Flandres; uma grande manilha de corrente; uma ancora; um toldo de panno americano, guarnecido a azul, e todo o apparelho do mesmo escaler.

É muito veleiro e magnifico para remos.

Quem pretender compral-o pode dirigir-se á **Administração da Imprensa Aveirense, Vera-Cruz, AVEIRO.**

ANTONIO J. D'ALMEIDA ROSA

COM ARMAZEM

DE

CALÇADO DE LISBOA

382—Rua do Bomjardim—382

1. andar

PORTO

THE PACIFIC STEAM NAVIGATION COMPANY

Os magnificos paquetes d'esta companhia sahem de Lisboa alternadamente para o Brazil, Rio da Prata, e portos do Pacifico às terças ou quartas-feiras. As familias para os portos do Brazil e Rio da Prata recebem um grande abatimento de preços, que todos são moderados. Pela rapidez, commodidades, e luxo estes paquetes são notabilissimos. Dão serviço medico gratuito.

AGENTES: *Em Lisboa*— 64, Caes do Sodré, E. Pinto Basto & C.ª

No *Porto* 10 Largo de S. João Novo, V. Ferreira Pinto Basto.

REAL FABRICA DA VISTA ALEGRE

PORCELLANAS EXCELLENTES

premiadas nas principaes exposições

Os seus productos, iguaes aos extrangeiros, vencem-os na barateza do preço.

Tem um magnifico deposito em Lisboa, Largo do Loreto, 13, e vendedores por todo o paiz.

Dr. Van-der-Laan

ESPECIALISTA DE DOENÇAS D'OLHOS

RUA DE SANTA IZABEL 50 - LISBOA

COMPANHIA DE SEGUROS DE VIDA

NEW YORK

CAPITAL 47.000.000$000

Mutuos a premios e compromissos fixos. Os segurados são os unicos proprietarios do fuudo de garantia e de todos os lucros.

Esta Companhia é evidentemente mais vantajosa do que qualquer outra.

Direcção em Lisboa, 64 Caes do Sodré.

OBJECTOS ANTIGOS

Compram-se moveis, louças, sedas, colchas bordadas, pratas, etc. etc. Rua do Alecrim, 54, LISBOA.

LUIZ MARIA DA COSTA.

ENFERMEDADES DE OJOS Y QUIRURGICAS

El médico oculista D. A. Mascaró, ha pagado este año de contribucion la cantidad de 136$565 reis por ejercer su profesion en Lisboa y puede por consiguiente tratar á las personas que le honren con su confianza. Recibe enfermos hasta á médio dia en su clinica, rua do Ferregial de Baixo, 34 y visita á domicilio.

Nota. Suplicase á todos los portugueses honrados y briosos que influyan para que los poderes públicos sobresean las causas criminales instruidas por ejercicio ilegal de la medicina con mengua de la moral publica.

A FABRICA DE FUNDIÇÃO DO OURO

NO PORTO

ESTÁ sempre a pár das invenções mais uteis para todas as industrias e toda a agricultura, como tem provado com as obras que tem praduzido.

OS ALIMENTADORES DE VAPOR DE ESCAPE, dão iucontestavelmente uma economia de 20 por cento no consumo do conbustivel das machinas de vapor de alta pressão, como attestam os srs. Costa Braga & Filhos, proprietarios da Real e Imperial Chapelaria a vapor, que nos compraram dois d'estes alimentadores.

OS MOTORES A VENTO construidos na «Fundição do Ouro» são, sem duvida alguma. do systema mais solido e que melhor se regulam por si mesmo, como se póde conhecer, examinando o que está montado e a funcionar junto à mesma Fabrica e na quinta da Alegria, proximo á ponte D. Maria Pia sobre o Douro

As machinas de vapor systema «Pantin», em que a Fundição do Ouro se tem tornado insigne, são incontestavelmente as mais econ micas em combustivel e as de maior resi tencia e mais facil reparação.

D'este systema estão hoje 5 machinas e caldeiras em construcção, que podem ser vistas e examinadas, a qualquer hora do dia, ou seja dia de trabalho, ou dia Santificado.

O numero das machinas de vapor já construidas n'esta Fabrica sobe a 43, o que, no nosso Paiz, è sem duvida o melhor attestado que podemos dar da sua excellente qualidade,

Porto 26 de Junho de 1883.

L. F. de Souza Cruz & Filhos.

Imprensa Aveirense- Largo da Vera-Cruz-Aveiro